



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

TUANY ROBERTA QUEIROZ

**MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: A AÇÃO EDUCATIVA
ATRAVÉS DO MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ (Cuité – PB)**

Campina Grande – PB

Jun - 2012

TUANY ROBERTA QUEIROZ

**MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: A AÇÃO EDUCATIVA
ATRAVÉS DO MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ (Cuité – PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, para encerramento do
componente curricular e conclusão da
graduação em História.

Orientadora: Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza

Campina Grande - PB

Jun – 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

Q3m

Queiroz, Tuany Roberta.

Memória e patrimônio cultura [manuscrito]: a ação educativa através do museu do homem do Curimataú (Cuité – PB) /Tuany Roberta Queiroz. – 2012.

49 f.: il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza, Departamento de História”.

1. Memória Cultural 2. Patrimônio 3. Educação Patrimonial 4. Cidadania Cultural I. Título.

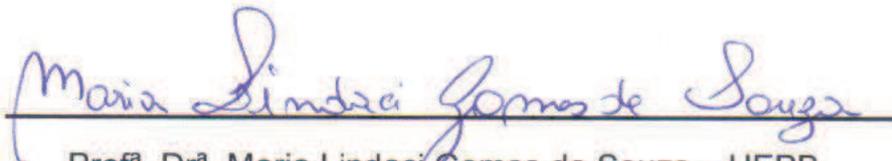
21. ed. CDD 920

TUANY ROBERTA QUEIROZ

**MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: A AÇÃO EDUCATIVA
ATRAVÉS DO MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ (Cuité – PB)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado.

Aprovado em 20/06/2012.



Prof^a. Dr^a. Maria Lindaci Gomes de Souza – UEPB

Orientadora



Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – UEPB

1º examinador



Prof^o. Dr^o Matusalém Alves de Oliveira – UEPB

2º Examinador

Aos meus pais, Marilene e José Roberto, que me deram a vida e estiveram ao meu lado em todos os momentos. Ao meu irmão Tawan para quem quero ser exemplo. A Paulo Henrique, companheiro, com quem quero dividir todas as minhas vitórias.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu coragem e força para seguir nesta caminhada, principalmente nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha família pelo apoio e o orgulho que sempre demonstraram, especialmente aos meus pais, Marilene e José Roberto, que sonharam com este momento mais do que eu, e incentivam o meu crescimento intelectual e profissional; ao meu irmão Tawan, que mesmo criança compreende a importância em trilhar os bons caminhos que lhe são ensinados; a Paulo Henrique, que vem me acompanhando durante esses anos, me dedicando amor, companheirismo e paciência; aos meus tios e tias, avôs e avós de sangue, minha avó do coração, Dona Rosário, meus padrinhos José Cleodon e Glória e, finalmente, aos amigos que me viram crescer e incentivaram minha caminhada, Dedé e Sandro e filhos, Tozinha, Edilene, José Bezerra, Taís, Valdevair.

Aos meus nobres colegas da turma 2007.1 do curso de licenciatura plena em História, que seguiram este mesmo sonho, principalmente aos que conseguiram chegar ao fim destes cinco anos comigo: Márcio, Sarah, Jean, Carlos, Paulo e Elisabeth. À Leyde Dayana, amiga que nos deixou no meio deste caminho, que me deu apoio e suporte quando necessário, meu muito obrigado.

Agradeço aos companheiros de Azulão, que me acompanharam durante as viagens diárias de Cuité à Campina Grande: Paulo Henrique, João Paulo, Walterly, Tácia, Luana, Verônica, Acácia, Renato, Aline, Juliana, Maricéu, Artur, Aline Karla e todos os outros com os quais passamos por diversas aventuras e puderam tornar estes momentos mais felizes. Aos motoristas, principalmente Hildemar, pelo zelo e paciência.

À todos os que foram meus professores durante o ensino básico, cada um certamente deu sua contribuição para minha formação. Aos professores do curso de História, que me ensinaram a dedicação e o esforço que o estudo requer. Aos professores Patrícia Aragão e Matusalém Alves que gentilmente aceitaram participar da banca examinadora. Finalmente, à minha orientadora Maria Lindaci que dedicou seu tempo ao melhoramento deste trabalho e me incentivou a alçar vôos cada vez maiores.

Nesse processo de construção de uma nova identidade cultural, que diferencia um país de outro, é que a questão da preservação do patrimônio histórico ganha força e nitidez.

Ricardo Oriá

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a relação da educação patrimonial e a preocupação com a preservação, no sentido de sensibilizar o aluno para o exercício da cidadania cultural. Procura discutir como o Museu do Homem do Curimataú na cidade de Cuité pode contribuir para a construção da identidade cultural daquela sociedade, através da preservação dos bens culturais que são expostos no referido museu. Por fim, destaca a importância de ações educativas no espaço do museu de maneira que haja uma maior interação entre o museu e a sociedade, a partir da necessidade diagnosticada através de pesquisa com alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Orlando Venâncio dos Santos.

Palavras-chave: Patrimônio, Educação Patrimonial, Cidadania Cultural.

ABSTRACT

This article has as objective to discuss the relation of the heritage education and the preoccupation with preservation, in order to sensitize student to exercise cultural citizenship. We seek to discuss how the Museum man's Curimataú in the city of Cuite can contribute to the construction of the cultural identity of the society, through the preservation of cultural assets that are exposed in the Museum. Finally, we pointed out the importance of educational activities in the museum space so that there is a greater interaction between the Museum and society, from the need diagnosed through research with students of 2nd grade from Medium Education Orlando Venâncio dos Santos.

Keywords: Heritage, Heritage Education, Cultural Citizenship.

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1: Televisão	14
Figura 2: Máquina de exibição dos filmes e latas com filmes	15
Figura 3: Pilão	16
Figura 4: Oratório	16
Figura 5: Utensílios agrícolas	17
Figura 6: Estandartes carnavalescos	17
Figura 7: Frente do Museu do Homem do Curimataú	18

LISTA DE GRÁFICOS

	Pág.
Gráfico 1: Faixa etária dos entrevistados.....	23
Gráfico 2: Área de residência.....	23
Gráfico 3: Atividade profissional.....	24
Gráfico 1: Qual a importância de um museu para você?	25

SUMÁRIO

	Pág.
1. Introdução	1
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO PATRIMÔNIO: ENTRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E O CULTURAL	4
3. AÇÕES EDUCATIVAS NO MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ	9
4. O MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ COMO LÓCUS DE IDENTIDADE CULTURAL E CIDADANIA	14
4.1. Identidade cultural	14
4.2. Educação patrimonial em museus	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
Apêndice	34
Anexos	36

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de discussões feitas através de seminários, que tinha como finalidade principal refletir sobre o patrimônio cultural no meio acadêmico na perspectiva de sensibilização, viabilizando a proposta da educação patrimonial junto aos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos da cidade de Cuité.

O texto foi estruturado com a perspectiva de apresentar junto a esse público, conhecimentos que possibilitam diagnosticar através da materialidade cultural os elementos tangíveis representados através do museu.

A partir do conceito de patrimônio cultural podemos perceber a importância do acervo do museu do Homem do Curimataú para a construção da identidade cultural da cidade de Cuité. Destacamos que os objetos irão construir um discurso acerca do cotidiano da cidade de maneira que ele contribui para a preservação da memória e da história local.

Desta maneira, buscamos justificar nossa pesquisa a partir da importância do museu como dispositivo de preservação da memória e história local, ou seja, perceber as representações dos alunos acerca deste lugar, e a partir daí, começamos a tentar compreendê-lo e inseri-lo no processo de ensino-aprendizagem. Percebê-lo como um espaço que pode dinamizar a história, bem como sensibilizar os alunos acerca da importância da preservação do patrimônio cultural, que vai muito além dos patrimônios edificados.

Nosso objetivo é perceber qual a representação do museu na ótica dos jovens, trazendo a discussão acerca da participação da comunidade escolar no espaço do museu do Homem do Curimataú e verificar a contribuição do museu considerando como espaço educativo capaz de despertar para a questão da preservação do patrimônio. Para atingir tais objetivos, dentre os procedimentos metodológicos que foram utilizados podemos destacar: diagnóstico participativo com uma turma de 2º ano do ensino médio para verificar qual a importância que eles podiam perceber em relação ao museu do homem do Curimataú. Leituras teóricas para reflexão acerca do patrimônio e da educação patrimonial.

Neste sentido podemos destacar a contribuição de autores como Carlos A. C. Lemos (2004) e Françoise Choay (2001) com os quais discutiremos a concepção de patrimônio histórico e as primeiras ideias de preservação desse patrimônio, que geralmente se remetia às edificações, obras de arte, escolhida a partir do olhar de setores “dominantes” da sociedade.

Ricardo Oriá (2006) aborda a transformação do patrimônio histórico em patrimônio cultural, havendo aí o patrimônio material e imaterial, ou seja, a partir de então temos uma maior preocupação na questão da preservação, Pacheco (2010) nos fala sobre a relação dos bens culturais e a memória coletiva, quando reconhecidos como relacionados ao passado, nesse sentido temos a relação entre este patrimônio e a memória individual e coletiva de que fala Maurice Halbwachs (2006). Para discutirmos os lugares de memória utilizaremos Pierre Nora (1993) e Zilda Kessel. Traremos ainda a discussão de Stuart Hall (2002) acerca da identidade cultural.

Para conhecermos um pouco sobre a cidade de Cuité contamos com a contribuição dos autores cuiteenses, Maria Verônica Gomes (2011), Israel Araújo (2009) e José Pereira Sobrinho (2008). Por fim, para pensarmos a questão da educação patrimonial temos o auxílio de Adriana Almeida e Camilo Vasconcellos (2006) e Horta (2005) sobre a visão acerca do museu e importância do desenvolvimento de ações educativas no museu. Ricardo Oriá (2006) destaca a importância da educação patrimonial para o desenvolvimento da cidadania cultural. Utilizamos Lopes (2004) para compreendermos o que seria cidadania, e os autores Amorim (2009), Costa (2008) e Coelho (2003) nos esclarecem sobre cidadania cultural.

Nosso trabalho encontra-se dividido em três partes. No primeiro momento faremos algumas “Considerações teóricas acerca do patrimônio: entre o patrimônio histórico e o cultural” refletindo sobre as concepções de patrimônio. No segundo momento discutiremos “Ações educativas no museu do homem do Curimataú”, como a dinamização do espaço do museu com atividades culturais, contribui para uma melhor relação entre a comunidade e o museu.

Na última parte “O museu do homem do Curimataú como lócus de identidade cultural e cidadania” discutiremos primeiramente a contribuição do Museu do homem do Curimataú para a formação de uma identidade cultural na comunidade cuiteense rememorando a partir do seu acervo o cotidiano, as festividades e os costumes daquela sociedade. Finalmente, temos uma reflexão acerca da representação dos alunos da Escola Orlando Venâncio dos Santos acerca do Museu do Curimataú e a discussão sobre a importância da educação patrimonial.

2. Considerações teóricas acerca do patrimônio: entre o patrimônio histórico e o cultural

O dilema ambiental pelo qual passa as sociedades neste início de século justifica a crescente preocupação dos historiadores em torno de questões culturais, naturais e especificamente patrimoniais, a exemplo da questão da preservação.

Carlos A. C. Lemos (2004) destaca que a preocupação em preservar é relativamente nova, sendo pensada principalmente a partir de particulares, colecionadores, ou seja, não havia uma preocupação a partir dos governantes na questão da preservação. Este quadro mudou a partir do projeto do escritor Mario de Andrade que foi transformado em lei em novembro de 1937 onde definia o patrimônio artístico e cultural.

Entende-se por Patrimônio Artístico e Cultural todas as obras de arte pura e ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, e a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil. (LEMOS, 2004, p. 38)

Agrupando as obras em oito categorias de artes (arqueológica, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional, erudita estrangeira, aplicadas nacionais e aplicadas estrangeiras) Mario de Andrade incluía nesses grupos “*todo o nosso vasto elenco patrimonial.*” (Idem p.39)

A iniciativa ministerial de chamar Mário de Andrade, um dos mais importantes escritores modernos, para redigir o programa da instituição de patrimônio a ser criada reside na convicção que a principal tarefa do MES, a formação da mentalidade futura do homem brasileiro, não estaria solidamente alicerçada caso não fosse igualmente estabelecido no presente o que importava de nosso passado. (CAVALCANTI, 1999, p.182)

Neste momento a discussão se pauta na identidade nacional, a política do Estado Novo (1937 - 1945) busca formar o “homem-novo” e a ministério de educação e saúde chefiado por Gustavo Capanema empreendeu um projeto de nação principalmente na reforma da educação

Formar um “homem novo” para um Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, *forjar* uma identidade positiva no trabalhador brasileiro, tudo isso fazia parte de um grande empreendimento cultural e político para o sucesso do qual contava-se estrategicamente com a educação por sua capacidade universalmente reconhecida de socializar os indivíduos nos valores que as sociedades, através de seus segmentos organizados, querem ver internalizados. (BOMENY, 1999, p.139)

E dentro destas discussões está também a questão do patrimônio. Há a preocupação em definir o que constitui a identidade nacional, para isso temos a partir da lei de janeiro de 1937 uma reorganização do Ministério da Educação e a criação do “Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” no decreto de lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, Lemos (2004) destaca o não seguimento do projeto de Mario de Andrade por esta instituição.

O predomínio maciço de arquitetos foi uma das poucas e, com toda certeza, mais substancial alteração que Rodrigo Melo Franco imprime ao projeto de Mário de Andrade. Corresponde à prioridade estabelecida no Sphan: os bens de “pedra e cal” (CAVALCANTI, 1999, p.179)

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) “*desde sua criação em 1937, deixou um saldo de bens imóveis tombados referentes aos setores dominantes da sociedade*” (ORÍÁ, 2006, p. 131) as memórias que serão elencadas como patrimônio nacional contribuirá para a construção da noção de patrimônio ligado somente aos prédios, mas, aos prédios das elites, na tentativa de construir uma idéia de nacional homogênea, uma identidade única para o país. Oriá (2006) destaca a participação quase que exclusiva dos arquitetos nas pesquisas sobre patrimônio, como se o patrimônio histórico fosse objeto próprio de seus estudos. As discussões acerca do Patrimônio por muito tempo pautou-se sobre o “patrimônio edificado e arquitetônico”¹ neste sentido, deve-se ressaltar a importância de órgãos como o SPHAN que estava à frente da política preservacionista, pensada e posta em prática pelo Estado Novo.

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação continua de uma diversidade de objetos que se

¹ Oriá, 2006, p. 131.

congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. [...] entre os bens incomensuráveis e heterogêneos do patrimônio histórico, escolho como categoria exemplar aquele que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o patrimônio histórico representado pelas edificações. (CHOAY, 2001, p. 11-12)

Nesses primeiros momentos em que é pensada a questão da preservação do patrimônio, há uma valorização dos monumentos edificados, das obras de arte como representação do patrimônio histórico.

O conceito de patrimônio histórico e artístico, que, por sua própria nomenclatura se remete somente a bens materiais vem sendo substituído pelo conceito de patrimônio cultural que irá tratar dos bens culturais. Oriá (2006) busca nos esclarecer o que seria um bem cultural:

Toda produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. (GODOY, p. 72 citado por ORIÁ, 2006, p.132)

A partir daí várias entidades como o Instituto de Arquitetos Brasileiros (IAB), a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de História (ANPUH) começaram a pesquisar sobre o patrimônio cultural, ressaltando uma *“nova postura da administração pública com relação ao assunto.”*²

A temática do patrimônio cultural foi destacada pelo assessor internacional da UNESCO, Hugues de Varine-Boham que, segundo Lemos (2004), dividiu o patrimônio em três categorias de elementos.

O primeiro grupo refere-se aos elementos da natureza, tudo o que envolve o meio ambiente e está relacionado aos recursos naturais podem ser destacados como bens culturais, e, portanto, fazem parte do patrimônio cultural. O clima, o relevo, os rios, a flora, tudo que interfere na ocupação e na vida humana, a paisagem que revela os costumes, fazem parte deste primeiro grupo.

² Idem, p. 132.

Temos no segundo grupo, os elementos referentes ao conhecimento, ao saber fazer. Neste sentido, os elementos deste segundo grupo são os elementos não tangíveis do patrimônio cultural. São as formas como os homens vão desenvolver seus meios de sobrevivência em relação à natureza.

E por último temos os bens culturais, que abrange tudo que resulta do meio ambiente e do saber fazer. São os bens materiais que Lemos (2004) chama de artefatos, onde estes artefatos estarão ligados com o meio ambiente e ao saber fazer.

Os bens materiais podem ser considerados como monumento, visto que para Françoise Choay (2001) o monumento é

... aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. (CHOAY, 2001, p. 18)

Apesar de relacionar a idéia de monumento às edificações, a definição de monumento pode ser empregada aos bens materiais que compõem o patrimônio cultural, visto que, os objetos que serão elencados estarão ligados a essa rememoração afetiva de uma dada sociedade. “*A memória liga-se à lembrança das vivências, e esta só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo...*” (FÉLIX, 2004, p.39 O monumento remeterá à memória, construirá relações com as memórias individuais e coletivas e dessa forma, será possível a construção de representações sobre aquele objeto e suas relações com as sociedades a que pertenceu.

Temos no site do Iphan as considerações sobre o que seria patrimônio material e imaterial

O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções

arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.³

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural."

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.⁴

Portanto, a partir do conceito de patrimônio cultural, temos uma abertura acerca do que pode ser considerado patrimônio onde a partir do patrimônio imaterial a memória não está condicionada somente a um objeto, uma edificação, mas sim as representações, os conhecimentos, as técnicas de uma dada sociedade.

³ Texto disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginalphan> Acesso em 08 de Junho de 2012

⁴ Texto disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan> Acesso em 08 de Junho de 2012

3. Ações educativas no museu do homem do Curimataú

É importante pensarmos sobre a importância do debate acerca da história local. Saber a história do lugar em que vive. Nesse sentido destacamos a contribuição de José D'Assunção Barros para elucidar sobre o surgimento da história local

Se Fernando Braudel trabalhou com o 'grande espaço', as gerações seguintes de historiadores trouxeram também a possibilidade de uma nova tendência que abordaria o 'pequeno espaço'. Esta nova tendência, que se fortalece nos anos 1950, ficou conhecida na França como 'História Local'. [...] A História Local nascia, aliás, como possibilidade de confirmar ou corrigir as grandes formulações que haviam sido propostas ao nível das histórias nacionais. A História Local – ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico – surgia precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das nações ocidentais.⁵

Por isso achamos importante fazer um breve histórico sobre a cidade de Cuité.

Cuité, cidade do Nordeste brasileiro, localiza-se na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião do Curimataú Ocidental. Possui altitude média de 667 metros e seu território ocupa aproximadamente uma área de 742 km². Acessível em território paraibano pela BR 104 está distante 235 km da capital paraibana: João Pessoa. [...] Segundo publicado no Diagnóstico Socioeconômico de Cuité pelo PRODER (1996) – Programa de Emprego e Renda do SEBRAE – os primeiros ocupantes do território cuitense foram indígenas das tribos tarairiús, paicús e sucurus. Daí a procedência do nome do município, formado por duas palavras: CUY (vasilha, cuia, gamela) e ÊTE (grande, real, verdadeira). (GOMES, 2011, p. 22 -23)

Sobre o seu povoamento destacamos as contribuições do pesquisador José Pereira Sobrinho, que em seu livro *Cuité em detalhes* relata que duas mulheres vindas da cidade de Acari, Maria, conhecida por Dindinha, e Maria Francisca de

⁵ Texto disponível em <<http://campodahistoria.blogspot.com.br/2011/01/historia-local.html>> Acesso em 20 de junho de 2012.

Medeiros teriam se fixado na região com seus filhos, e, mais tarde, as duas famílias seriam unidas por laços matrimoniais. Já sobre a origem do povoamento temos

A origem do povoado de Cuité deu-se ao redor da capela de Nossa Senhora das Mercês, construída no ano de 1768 em terras doadas pelo coronel de milícias Caetano Dantas Correia e sua esposa Josefa de Araújo Pereira. As terras do coronel Caetano Dantas foram concedidas através de sesmaria pelo governo de Jerônimo José de Mello Castro (SEBRAE/PB/PRODER, 1996). O distrito é criado em outubro de 1827 ligado ao município de Picuí, PB. Apenas no dia 25 de janeiro de 1937, ocorreu a oficialização da emancipação política de Serra de Cuité. Pelo decreto lei estadual nº 1164, de 15-11-1938, o município de Serra do Cuité passou a nomear-se simplesmente Cuité (IBGE 2010). (GOMES, 2011, p. 23)

Temos, portanto uma cidade que tem seu surgimento em meados do século XVIII, mas antes disso, tínhamos a presença do nativo nas áreas que hoje fazem parte do município. Devido à presença dos nativos há uma lenda⁶ acerca do indígena (Ver anexo I) “*Que de forma oral foi repassando por indivíduos e forjando verdades, até o momento em que fora transcrita em livro (1983), porém sua criação é desconhecida de sua temporalidade inicial*” (ARAÚJO, 2009, p. 31)

Desta maneira podemos perceber a importância de se ter um lugar que pudesse rememorar a história da cidade, visto que sua ocupação se deu há muito tempo. Além do mais, com a produção da lenda podemos perceber que temos uma veia cultural entre os populares, portanto, mais um incentivo para a criação de um lugar que pudesse dar espaço para essas criações.

Lemos (2004) destaca o porquê de preservar o patrimônio, atentando para a própria significação da palavra “preservar” que seria estaria no sentido de conservar, manter livre de perigos e danos, defender. Com isso o autor diz que devemos preservar “*já que a todos só pode interessar a idéia ligada à salvaguarda de nossa identidade cultural.*” (LEMOS, 2004, p. 25). Podemos refletir a partir desta importância de preservação do patrimônio assim como da própria identidade cultural. Destacamos a importância do museu no sentido da preservação, salientado que o museu não deve ser visto somente como lugar de exposição, ou seja, deixar de ser visto apenas como um lugar que apresenta uma

⁶ Lenda da princesa do olho d'água. Demócrito Humberto da Fonseca Júnior – professor/historiador/contista

reunião de objetos em vitrinas com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dispersão e desinteresse do público visitante e para formar a imagem dessas instituições como ‘lugar de coisas velhas/distante’ e sem sentido para a vida dos alunos. (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 104)

Mais do que isso, o espaço do museu deve ser visto como um lugar que guarda objetos que não estão ali para serem vistos por si só, mas sim perceber que aquele conjunto de objetos apresentados constrói um discurso acerca do passado, *“os objetos devem estar reunidos para produzirem um discurso museográfico inteligível [...] a partir deste pressuposto básico é que podemos falar no potencial educativo de um museu”* (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107) É naqueles objetos que a memória individual e coletiva daquela sociedade se encerra, contribuindo para a construção da sua identidade e cidadania cultural.

É a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. [...] Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos de deveres e sujeito da história. (ORIÁ, 2006, p. 139)

Devemos demonstrar através do discurso constituído a partir da exposição no museu,

...a memória não como algo imutável e repetitivo, mas como uma possibilidade de reflexão sobre o passado através de sua representação no momento presente. Assim, a constituição de uma memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado. (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107)

A partir desta memória coletiva nós teremos a valorização da história local colaborando para a construção de uma cidadania cultural. Para melhor entendimento do conceito de cidadania cultural, devemos compreender que o

Direito à cidadania, em âmbito cultural, remete à participação nos bens de cultura como um direito como os demais – reconhecimento, inclusive, de minorias – seja de criação, seja de acesso (amplo, efetivo) a bens culturais, seja na preservação de patrimônios culturais (materiais ou imateriais), além

do reconhecimento a todas as culturas com igual valor (multiculturalismo – valor à igualdade e diversidade). (AMORIM, 2009, p.18)

Ou seja, o debate acerca da cidadania cultural, busca garantir no âmbito do direito o reconhecimento da importância da cultura, principalmente no que se refere à preservação.

... um conceito jurídico para a cultura se faz necessário na medida em que nem toda forma de sua expressão pode ser juridicamente protegida, mereça a incidência de um dos mecanismos de salvaguarda ou ainda que esses meios sejam inadequados (MARCHESAN, 2007, p. 26 citado por COSTA, 2008, p. 28)

A preservação dos bens culturais aponta que *“uma política cultural pública deve ser abordada, preferencialmente, com questões relacionadas à identidade, pertencimento, noções de responsabilidade civil, diferenças comunitárias, etc...”* (COELHO, 2003, p.2)

Desta forma o espaço do museu deve contribuir para o exercício da cidadania cultural, através de ações educativas que incluam atividades que possam levar a reflexão sobre a importância da preservação dos bens culturais. Para que o aluno seja levado a valorizar a memória histórica do seu lugar, atentando para a preservação da história local. O museu contribui, demonstrando para a comunidade, no nosso caso, a comunidade escolar, a importância de termos um espaço que recontem a nossa história, não de maneira “fria”, distante de nossa realidade, mas fazê-los perceber que eles também são autores da sua história, e podem contribuir para o enriquecimento cultural do museu e conseqüentemente do lugar onde eles vivem.

Podemos destacar a percepção dos alunos sobre a importância de uma maior relação entre o museu e a comunidade, um aluno ao ser indagado sobre o que ele acha que poderia ser desenvolvido no museu, respondeu: *“mais interação com o público de todas as idades.”* Outros destacaram a realização de palestras, apresentações teatrais. Os próprios alunos sentem a necessidade de transformar aquele lugar de exposição num lugar que movimentem a vida cultural da cidade. Ao propor atividades culturais os alunos demonstram que percebem como aquele lugar deve se pautar como um lugar de produção cultural.

Ao realizar outras atividades no espaço do museu do Homem do Curimataú nós temos a dinamização do trabalho educativo no museu. Os alunos participando ativamente naquele espaço são instigados a perceber que ali não é um lugar “morto” e que pode contribuir para a construção do conhecimento. Isto é importante, pois temos a relação entre as memórias da cidade e a promoção da cultura local, através de saraus, roda de viola, palestras, aulas...

A participação da comunidade nas ações desenvolvidas no Museu do Homem do Curimataú é importante para garantir que o museu não seja para a cidade somente um lugar de exposição, ao ganhar esta conotação cultural talvez consigamos fazer com que os alunos tenham interesse em interagir com aquele espaço. Estabelecer a relação entre museu e escola contribui para a valorização da memória histórica que é revivida através dos objetos que foram preservados. Com isso poderemos sensibilizar o aluno acerca da importância da preservação para a construção de sua própria identidade.

Enfim, pensar ações educativas no espaço do Museu do Homem do Curimataú é pensar maneiras de fazer com que os alunos sintam-se mais próximos daquele espaço. *“Toda ação educativa do Museu visa facilitar o estabelecimento de relações entre as idéias dos visitantes e as mensagens propostas pela exposição.”* (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107)

4. O museu do homem do Curimataú como lócus de identidade cultural e cidadania

4.1. Identidade cultural

Tendo em vista a discussão acerca de bens materiais e monumentos históricos, tomamos como objeto de estudo o Museu do Homem do Curimataú na cidade de Cuité.

O Museu do Homem do Curimataú foi inaugurado no dia 11 de Março de 2010 e foi resultado de uma iniciativa da Universidade Federal de Campina Grande, que através do seu campus na cidade de Cuité utilizou o espaço do antigo Cuité Clube, para reunir objetos doados por moradores da cidade que rememoram épocas passadas.

Seu acervo resulta de doações de objetos antigos pelos moradores da cidade, havendo vários utensílios que faziam parte do cotidiano. Para melhor organização,



estes objetos foram divididos por ambientes.

No ambiente “modernidade” temos os primeiros aparelhos de televisão, secadores de cabelos, telefones, rádios, maquina datilográficas. É interessante como estes objetos chamam a atenção dos alunos, talvez por que hoje façam parte do seu dia-a-dia. A televisão (figura 1), por exemplo, passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, mas, nem sempre foi assim. *“A sala de casa, com seu sofá, sua almofada, um tamborete ou o próprio chão, em muitas casas da cidade, eram pequenos para tanta gente assistir TV,*

Figura 1: Televisão. Fonte: Pesquisa de campo.

haja vista, que poucas eram as que privilegiadamente possuíam o aparelho” (ARAÚJO, 2009, p. 33). Araújo (2009) nos traz depoimentos das pessoas que vivenciaram a época em que os objetos, hoje expostos no museu, eram utilizados.

Temos também expostos os objetos que faziam parte do cinema da cidade, Araújo (2009) nos fala que o cinema em 1970 era um dos principais lugares de lazer no município de Cuité. A sirene

tocando às 19h30min., impreterivelmente reverberava-se por toda a cidade, o que fazia neste momento os indivíduos cortarem as conversas, trocarem olhares, pois o primeiro toque da chamada do cinema disparou. (ARAÚJO, 2009, p. 32)



Figura 2: Máquina de exibição dos filmes e latas com filmes. Fonte: Pesquisa de campo.

O cinema era um lugar de divertimento da cidade, a sirene como podemos perceber fazia parte deste cotidiano e marcava um hábito existente na época em que ele estava ativo.

No ambiente “utensílios domésticos”, temos máquina de fiar, máquinas de costura, bules, pilão, oratório, termômetro, sino, chaves, lampião, candeeiro dentre muitos outros objetos.

O pilão (figura 3) é outro exemplo de objeto do cotidiano, que remonta uma determinada época, e práticas que estavam relacionadas ao seu uso. É um objeto que faz parte da história das pessoas da cidade, que rememora épocas passadas. Retrata o cotidiano da cidade do interior, principalmente das pessoas que moravam na zona rural, e precisavam deste utensílio para facilitar as atividades na cozinha.



Figura 3: Pilão. Fonte: Pesquisa de campo.

O oratório (figura 4) traz consigo a devoção e a religiosidade do povo nordestino. “*No Brasil colonial, seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do céu.*” (MOTT, 1998, p. 164). Desde então, Mott (1998) destaca, o costume de manter imagens de santos nas residências e a prática da religiosidade privada dos católicos. “*O oratório funciona como uma espécie de relicário*” (idem, p. 167)



Figura 4: Oratório. Fonte: Pesquisa de Campo.

O acervo do museu do homem do Homem do Curimataú revela através de sua exposição, os costumes religiosos, por exemplo, através de objetos como o oratório.

Ao observar estes objetos o visitante é levado a rememorar práticas que foram vivenciadas em outras épocas. Já os mais jovens que não tiveram acesso a essas práticas, passam a conhecê-las através destes lugares de memória.

Ainda para relembrar o cotidiano do homem do campo, no ambiente “Agrícola” temos vários utensílios que eram, e ainda são, utilizados na agricultura na região. São objetos que eram utilizados nas plantações e na criação de animais, como por exemplo, o carro de boi, exposto na figura 5.



Figura 5: Utensílios agrícolas. Fonte: Pesquisa de campo.

Além dos objetos materiais, alguns elementos trazem à memória a importância do patrimônio intangível, ou imaterial, como o boi de reis e os estandartes (figura 6) dos antigos blocos de carnavais que relembram os festejos e divertimentos da cidade. “o carnaval (fevereiro/março) que com seus blocos carnavalescos, seus papangús e farinhas de trigo, bem como os blocos Loves Bande e Loves Históres (sic)” (ARAÚJO, 2009, p.28) animavam a população. Na figura 6 podemos ver alguns estandartes dos blocos carnavalescos que eram organizados na cidade, e que agitaram os carnavais cuiteenses.

O museu também guarda placas das turmas concluintes das antigas escolas da cidade, relação com fotos dos antigos prefeitos,



Figura 6: Estandartes Carnavalescos. Fonte: Pesquisa de campo.

coleção de pedras encontradas em estudos arqueológicos em sítios da região. Pedras utilizadas nos primeiros calçamentos, tijolos de edificações antigas. Maquete



Figura 7: Frente do Museu do Homem do Curimataú. Fonte: <http://israelaraujocuite.blogspot.com.br/>

com réplicas da primeira Igreja da cidade e do coreto da praça central da cidade que foram demolidos.

Pelo que podemos observar o Museu do Homem do Curimataú através de suas coleções apresenta o cotidiano: as atividades agrícolas, as atividades culturais como os festejos, o lazer como o cinema, e até mesmo a vivência nas residências com os utensílios domésticos. Reconstrói a história não exaltando somente as grandes personalidades, mas tentar mostrar ao visitante através de objetos e utensílios um pouco do dia-a-dia das pessoas que vivenciaram outros tempos na cidade de Cuité, valorizando a memória local.

A memória “é vivida no interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas.” (NORA, 1981, p. 14), ou seja, ela passa a ser reconstruída, rememorada, através destes objetos. “ao escolhermos um objeto para o acervo de um memorial, estamos retirando-o de seu contexto original para lhe atribuir outra funcionalidade, a de

evocar o passado e articular um discurso para esse fim.” (PACHECO, 2010, P. 145)
 A partir do momento em que foram doados e alocados em um prédio que também encerra uma memória coletiva para a cidade, estes objetos ganharam o *status* de preservarem a memória daquela sociedade.

O prédio onde o museu foi organizado é um lugar que serviu de salão de festas para a “elite” cuitense, conhecido como Cuité Clube foi palco dos grandes carnavais que eram organizados na cidade e que aconteceram até a década de 80. Neste lugar as festas eram organizadas e direcionadas para os sócios deste clube, e lá eram comemorados não só os carnavais, assim como festas de debutantes, entre outras comemorações é um local que faz parte da memória coletiva, e evoca lembranças destas festividades. Portanto, este local foi escolhido por ali já ser um monumento que traz a memória da cidade.

Podemos então ressaltar que o museu passa a ser um *lugar de memória*, ou como afirma Horta (2005) o museu, assim como bibliotecas e arquivos são lugares institucionalizados de Memória, pois o que constitui esse lugar é “*um jogo da memória e da história*” (NORA, 1981, p.17)

Por que se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é para o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro- prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados... (idem, p. 22)

Os objetos enquanto *lugares de memória* contribuem para a construção de uma memória coletiva, as lembranças que serão reavivadas a partir de tais objetos na memória individual e a partir destas passarão a constituir uma memória coletiva

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, por que elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa... Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico. (KESSEL, p. 3)

Desta maneira, a memória coletiva contribuindo para o sentimento de pertencimento do indivíduo como ressalta Kessel, irá refletir na construção da identidade cultural deste indivíduo, e, por conseguinte, da sociedade em que está inserido. “... a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2002, p. 38).

Para Hall (2002) a identidade cultural tem como fonte principal as culturas nacionais, portanto, para a formação de uma identidade cultural é necessário uma cultura nacional que esteja de certa forma relacionada à memória coletiva, pois, a partir deste reconhecimento é que estará sendo constituída uma identidade em comum. Por isso, destacamos a criação do museu do Homem do Curimataú como locus de identidade cultural, pois aquele espaço contribuirá para a rememoração individual das pessoas que vivenciaram o cotidiano que está sendo retratado pelos objetos expostos e que serão rememorados e repassados aos jovens, tornando-se memória coletiva. Assim o museu contribui para a discussão acerca da importância da preservação da identidade cultural da cidade de Cuité.

Debater a importância da preservação da identidade cultural através do Museu do Homem do Curimataú é debater a própria participação dos jovens neste processo de reconhecimento cultural. Ações educativas no espaço do museu contribuem para estreitar as relações entre comunidade e museu, e desta forma torna o espaço do museu um espaço de construção de conhecimento.

Ressaltamos ainda que o espaço do museu não está somente dedicado à exposição dos objetos, mas já foram realizados saraus, mostras culturais e palestras. Além disso, o espaço foi disponibilizado para as escolas desenvolverem aulas, atividades com os alunos, ou seja, busca-se estabelecer uma ponte com a escola, com a universidade, e também para atrair a sociedade através de atividades culturais.

Podemos perceber, portanto, que a presença do museu do homem do Curimataú na cidade de Cuité, contribui para a formação da identidade cultural da cidade compreendendo um discurso através dos objetos expostos e a partir das práticas culturais que são realizadas no espaço do museu. Utilizá-lo como meio de construção de conhecimentos mostra-se importante, principalmente para a aproximação dos alunos, por exemplo, com a história local, podendo a História ser vista como algo de que eles fazem parte de forma efetiva.

4.2. Educação patrimonial em museus

Inicialmente conheceremos brevemente a história da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos localizada na cidade de Cuité. A escola foi criada em 13 de outubro de 1970, no governo de João Agripino Filho. No ano 1976, passou a ser denominado Colégio Estadual de 1º e 2º Graus de Cuité, somente em 1997 passou a ser denominado com o nome do doador do espaço Orlando Venâncio dos Santos, que nasceu em Cuité, em 26 de Janeiro de 1926, filho de Jeremias Venâncio dos Santos e Francisca Emília da Fonseca Santos. Formou-se em direito pela Faculdade do Recife em 1952. Foi advogado, professor, procurador-geral (1962 - 1988) e prefeito municipal de Cuité (1955 - 1958). Foi um dos fundadores do Instituto América e também seu diretor no período entre 1958 a 1969. Neste ano o instituto José América encerrou suas atividades e seu prédio foi doado ao governo do Estado da Paraíba para que fosse instalado o colégio Estadual de Cuité que mais tarde, através do decreto de lei 6.542 de 10 de outubro de 1997, passou a se chamar Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos.

Procuraremos a partir de agora compreender a representação “*entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente*” (CHARTIER, 1991, p. 184), nesse sentido, abordamos a imagem sobre patrimônio e monumento que os alunos do 2º ano do ensino médio têm do museu do Homem do Curimataú, na cidade de Cuité. A proximidade física entre a escola e o museu - estão localizados na mesma rua, um de frente ao outro - nos levou pensar sobre a proximidade que os alunos teriam com aquele espaço.

Através de um questionário que foi aplicado a partir da disciplina História, diagnosticamos a relação entre estes alunos e o museu do Homem do Curimataú, que, como já vimos, foi inaugurado na cidade há cerca de dois anos.

Para conhecermos o público escolhido, iremos analisar primeiramente a faixa etária dos alunos entrevistados. Como podemos verificar no gráfico 1, do total de 27 alunos questionados, 64% dos alunos têm idade entre 16 e 17 anos, enquanto os outros 36% têm idades variando entre 20, 19, 18 e 15 anos.



Gráfico 1: Faixa etária dos entrevistados. Fonte: Pesquisa de campo.

Em relação à residência verificamos no gráfico 2 que 63% dos entrevistados reside na zona rural, enquanto 37% dos alunos residem na zona urbana.

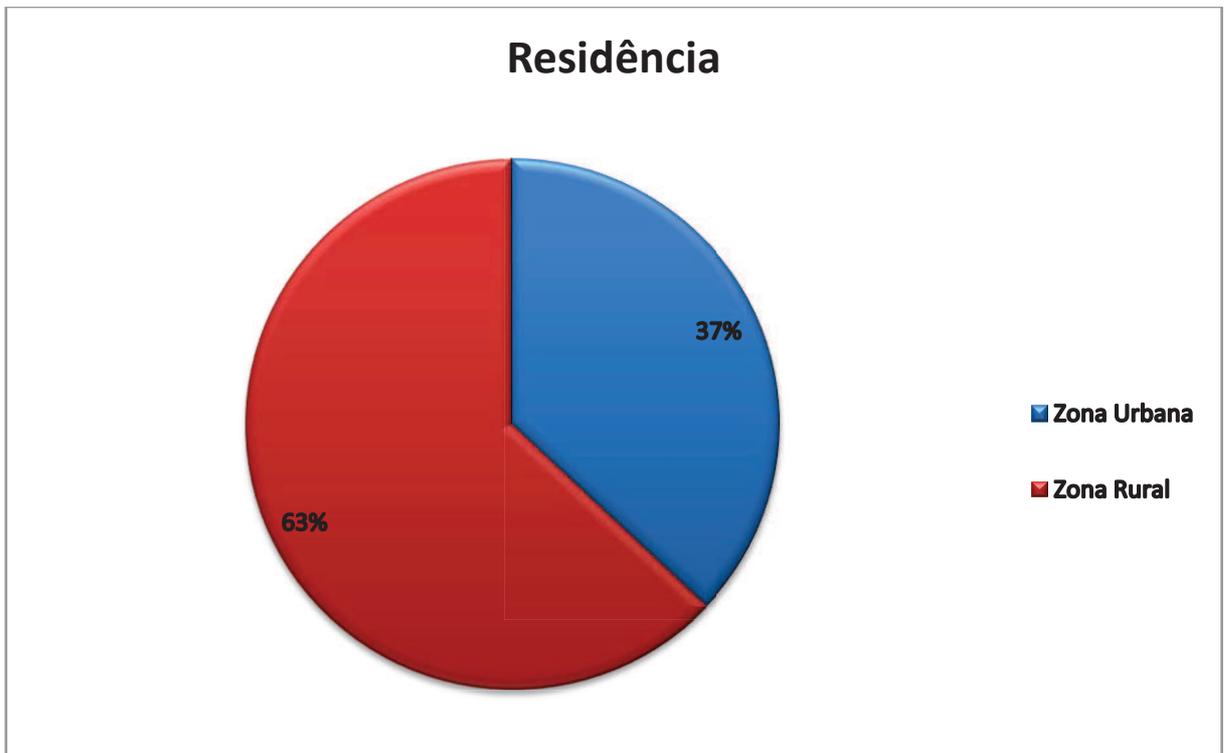


Gráfico 2: Área de residência. Fonte: Pesquisa de campo.

Procuramos saber também se esses alunos já exercem alguma atividade profissional. Nessa questão a situação é de paridade entre os moradores da zona rural, 37% responderam que não trabalham, só estudam, enquanto 26% afirmaram que trabalham; principalmente na agricultura. Na zona urbana a situação mostra-se um pouco diferente, pois, 7% dos alunos entrevistados afirmaram que trabalham enquanto 30% afirmaram não trabalhar como demonstra o gráfico 3.

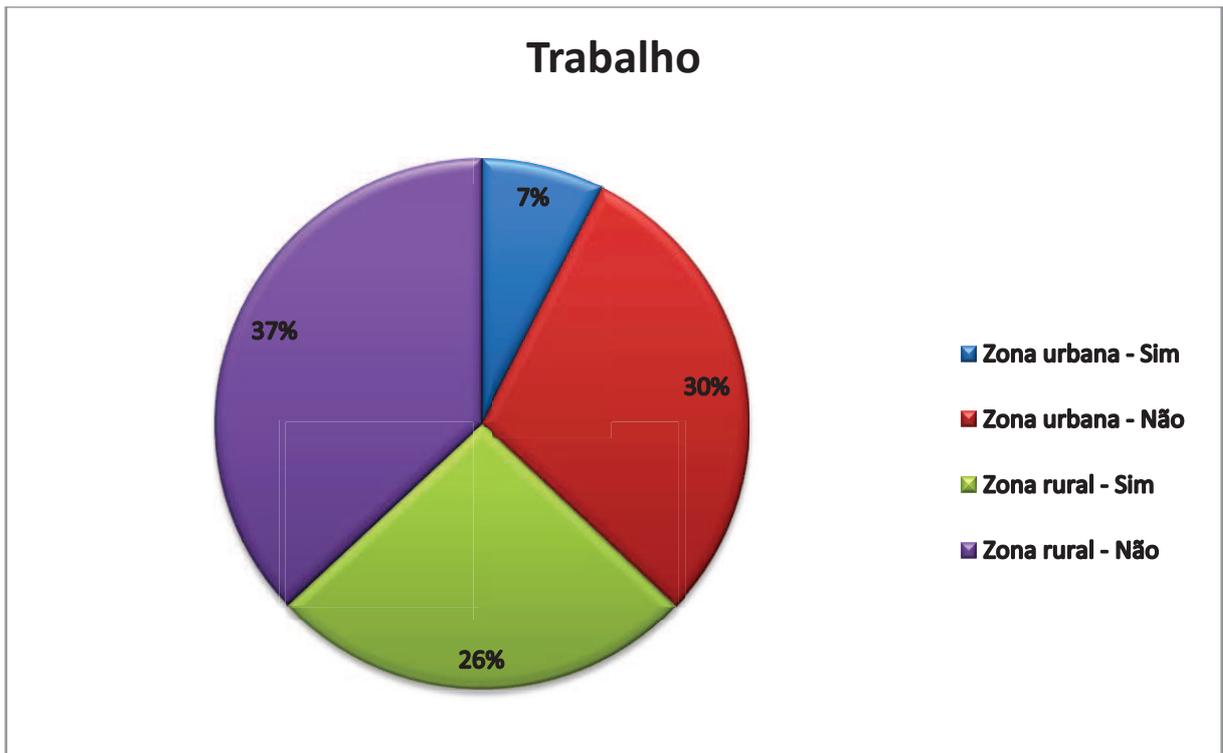


Gráfico 3: Atividade profissional. Fonte: Pesquisa de campo.

Todos eles já visitaram o museu do Homem do Curimataú e muitos demonstraram o interesse em conhecer outros museus. Na pergunta, qual foi a primeira sensação que você teve ao entrar em um museu? Os alunos ressaltaram a importância daquele lugar para “conhecer a história da cidade” ou ainda, “conhecer objetos antigos”. Quanto à importância do museu, os alunos ressaltaram em suas respostas principalmente a questão de “recordar o passado”. Na sua representação o museu seria o lugar para “trazer o passado de volta”. Outros consideram que o museu “é importante para cidade, pois pode ser visitado por pessoas que passam pela cidade.” É “um ponto cultural”. Nesse sentido, é como se o museu só fosse importante no momento da visitação, ou seja, não se tem uma relação efetiva e duradoura com aquele lugar.

Outros ressaltaram que é “interessante, porém, sem muito de atrativo empolgante.” Outro disse que é um lugar “chato demais”. Quando perguntados sobre quais atividades você acha que podem ser desenvolvidas no museu? houveram poucas sugestões, apesar de dizerem não saber, sugeriram aulas de campo, palestras, aulas diferentes. Podemos perceber na fala dos alunos a falta de aproximação deles com o espaço do museu, eles visitam, mas, são alheios aquele espaço, na visão deles é como se fosse importante, mas sem saber ou sentir ao certo, ou melhor, na prática qual é realmente essa importância.



Gráfico 4: Qual a importância de um museu para você? Fonte: Pesquisa de campo.

Como representado no gráfico 4, 93% dos alunos ressaltaram a importância do museu, e como justificativa pudemos constatar que para os alunos o museu “é muito importante, pois são guardados objetos simbólicos do nosso passado”; “ajuda em nossos conhecimentos, nós conhecermos (sic) objetos e histórias antigas”; “é muito importante além de possuir objetos antigos também fala muito sobre a história da cidade”, “valoriza a cidade”. Verificamos a partir destas respostas o reconhecimento pelos alunos do espaço do museu enquanto lugar de memória, que resgata, e conta a história local.

Mas, tivemos 2% que afirmaram que o museu não tem “nenhuma” importância, ou então que “não tem muita utilidade, só para quem estuda (sic) fósseis ou objetos antigos”. Aqui a representação do museu para os alunos é “*como ‘lugar de coisas velhas/distantes’ e sem sentido para a vida dos alunos.*” (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 104), temos que mostrar para o aluno que

Os Museus também são minas de informação e importantes espaços de aquisição de conhecimento, que ultrapassam o domínio da leitura e da palavra escrita. As “lições das coisas” que podem ser usufruídas nessas instituições requerem uma capacitação especial, no sentido do aprendizado da “leitura” e da interpretação das palavras tridimensionais que são os objetos da cultura. (Horta, 2005, p. 41)

Ao demonstrar para o aluno esse potencial de conhecimentos que o museu pode repassar nós estamos estimulando a leitura das “coisas”, estimular a interpretação é importante, pois, o aluno pode aprender a ler além das palavras, os objetos expostos no museu funcionam como “palavras tridimensionais” como define Horta (2005).

Quando perguntados sobre quais objetos mais lhe chamaram a atenção no museu? as respostas variaram em torno de objetos que como ressaltamos fazem parte do seu cotidiano hoje, como a televisão, os secadores de cabelo, o rádio e o projetor de cinema. Então, para pensarmos a questão da relação dos alunos com o espaço do museu, e dos bens culturais que os constitui, devemos atentar para a discussão sobre educação patrimonial,

...vem a ser um tipo de “alfabetização cultural” que independe da capacidade de leitura do indivíduo ou do aluno. Esta alfabetização propõe a “leitura” e a decodificação dos significados dos objetos materiais produzidos pela trajetória da cultura, bem como a compreensão de seu sentido “imaterial”... (Horta, 2005, p. 41)

A educação patrimonial nada mais é do que a educação voltada para questões referentes ao patrimônio cultural, que compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, ate a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral [...] de forma a habilitá-los a despertar nos educandos e na sociedade o

senso da preservação da memória histórica e conseqüentemente o interesse pelo tema. (ORIÁ, 2006, p. 141)

A educação patrimonial surge como uma nova ótica que consiste na possibilidade de garantir condições de preservação do patrimônio histórico a partir da história local,

O que é Educação Patrimonial? Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam pra conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação ao com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial!⁷

Com a educação patrimonial podemos discutir ações educativas no espaço do museu, pois *“Não consideramos que a ação educativa em um museu deva estar centrada apenas nas exposições, mas que estas são os suportes essenciais que permitem e aproximam a relação com o público em geral, e o escolar em particular.”* (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107) Neste sentido, acreditamos que garantindo via escola as condições de convivência com a materialidade cultural da cidade possa haver uma relação harmoniosa, tendo em vista o interesse coletivo para que se possa constituir o direito da cidadania.

“O conjunto de objetos culturais, materiais e imateriais herdados pelos contemporâneos somente passa a constituir o patrimônio histórico das comunidades quando e reconhecido como tal pelo sujeito que o incorpora a sua experiência.” (PACHECO, 2010, p. 145), ou seja, *“Somente a partir do momento em que a sociedade resolve preservar e divulgar os seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu ethos cultural e de sua cidadania.”* (ORIÁ, 2006 p. 138) podemos dizer que só haverá preservação do patrimônio histórico a partir da identificação da população com aqueles símbolos, ícones e monumentos que foram preservados. *“A identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com memória individual e coletiva.”* (idem.), ou seja, *“o contato com esses documentos materiais, a partir do suporte comunicativo das exposições, permite-nos*

⁷ Texto disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=12421AAF29A5DCC4E6360330AAB19119?i d=15481&retorno=paginalphan>

inserir questões relativas à constituição de uma memória e da preservação de um passado” (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107)

Dessa forma a partir da educação patrimonial, as comunidades escolares, e urbanas adotando práticas culturais e ações de participação podem ser conduzidas a repensar velhas formas de olhar o patrimônio e desenvolver ações para a transformação de sua escola, seu bairro. A partir de uma leitura crítica sobre as questões patrimoniais requer pensar a educação patrimonial para que os alunos reflitam sobre suas ações em relação ao meio em que vivem.

Ou seja, o debate sobre o tema da preservação patrimonial deve ser estimulado entre os alunos de maneira que seja despertada sua atenção para a importância do patrimônio cultural de sua região. Nesse sentido, a construção do Museu do Homem do Curimataú na cidade de Cuité pode ser visto como um pontapé inicial para uma melhor visão sobre o tema.

A partir do momento em que se demonstra a preocupação em reunir os objetos que fazem parte do patrimônio material estimula-se a curiosidade por descobrir tudo o que fazia parte do contexto e do cotidiano em que aquele objeto estava inserido, sendo estimulada a busca por memórias, de maneira que o patrimônio imaterial da cidade seja também posto em voga.

Pensar a relação entre preservação do patrimônio para construção de uma cidadania cultural se mostra importante, na medida em que a preservação dos bens culturais⁸ constituirá a identidade cultural daquela sociedade estimulando o exercício da cidadania. Para compreendermos

a **CIDADANIA** implica ao mesmo tempo em direito (de estabelecer livremente as regras da convivência interpessoal, política, sócio econômica, cultural e ecológica) e em dever (de respeitar e zelar por essas normas de convivência que os próprios cidadãos e cidadãs estabelecem, diretamente ou através de

⁸ “O QUE É BEM CULTURAL? É o produto do processo cultural, que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo, e do ambiente que o cerca.” Marcelo Mara Bione. **Patrimônio cultural e cidadania: conceitos, políticas e ações**. Disponível em <<http://www.catalao.ufg.br/mat/revista/ART-002.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2012.

representantes legítimos). (Medeiros, 2002, p, 28 citado por LOPES, grifo do autor.)

É importante destacar que ao atentarmos o aluno para a preocupação em preservar o patrimônio cultural, estamos contribuindo para a formação de sua cidadania, onde ele pode ter consciência dos direitos e deveres que lhes são conferidos. Como já ressaltamos, a cidadania cultural é possível a partir do reconhecimento da cultura e dos bens culturais, da questão da preservação. O exercício da cidadania cultural levará nossos alunos a compreenderem a sua responsabilidade enquanto cidadão de preservar os bens culturais que contribuem para a construção e reconhecimento de sua própria identidade.

Enfim, podemos perceber que a partir da instalação de um museu na cidade, o tema patrimônio se torna nos primeiros momentos reflexão para a sociedade. Mas, devemos pensá-lo como um espaço vivo, que integre essa sociedade, principalmente mostrando aos jovens que ali pode ser um local interessante, interativo, que um museu não precisa, nem pode ser monótono, ou “chato demais”. Devemos enquanto educadores aproveitar daquele local como um instrumento na construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber o patrimônio histórico ao se transformar em patrimônio cultural, ganha novas nuances. Podemos a partir de então olhar para tudo o que retém a memória, sem necessariamente ser a memória dos “grandes heróis”. No museu do homem do Curimataú, podemos ter acesso a vários objetos que faziam parte do cotidiano, mas que ao estarem ali ganham o status de contarem histórias de momentos que já passou.

A questão que aparece ao indagarmos os alunos acerca de um museu é o distanciamento que eles sentem em relação àquele espaço. É como se aquele espaço não falasse da vida deles, mesmo tentando reter lembranças da região, da cidade, do lugar do qual eles fazem parte. Aqui se faz importante refletir sobre a importância da educação patrimonial que contribui para a construção da cidadania cultural que se preocupa com a preservação daquilo que guarda a memória individual e coletiva da sociedade. E ainda temos a relevância de se utilizar o espaço do museu como palco para o desenvolvimento da cultura local, pois, desta maneira podemos dinamizar aquele espaço e conseguimos uma maior interação entre a comunidade geral e escolar e o museu.

Portanto, para tentarmos trazer à tona a discussão sobre patrimônio e todas as outras questões que a ele estão relacionadas, é necessário despertar nos alunos, por exemplo, o interesse pela preservação do que pode contar a sua história, e nesse sentido mostrá-los que a história não serve mais para contar somente a história dos grandes acontecimentos, mas que a memória de cada um é rica e que pode nos ajudar a conhecer mais sobre o nosso lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. IN: BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 11ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 104 – 116.

AMORIM, Simone Rodrigues. **A abordagem da Cidadania Cultural na Formulação do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL**. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getulio Vargas, 2009. 97p. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2697/CPDOC_2009SimoneRodriguesAmorim.pdf> Acesso em 10 de Junho de 2012.

ARAÚJO, Israel da Silva. **Memórias em discurso: construção e práticas dos espaços de namoro no município de Cuité – PB (década de 1970)**. 2009. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em História) – Centro de educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

BIONE, Marcelo Mara. **Patrimônio cultural e cidadania: conceitos, políticas e ações**. Disponível em <<http://www.catalao.ufg.br/mat/revista/ART-002.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2012.

BOMENY, Helena M. B., Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. IN: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 137 – 166.

CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e patrimônio. . IN: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 179 – 190.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados. vol.5 nº. 11. São Paulo Jan./Abr. 1991. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>> Acesso em 12 de Junho de 2012.

CHOAY, Françoise. Introdução. IN: **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 11 – 29.

COELHO, Maria das Graças Pinto. **Cidadania cultural: uma lícita reinvenção da rede imaginária global**. Trabalho apresentado ao XXVI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Minas Gerais, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP11_coelho.pdf> Acesso em 10 de Junho de 2012.

COSTA, Rodrigo Vieira. **Cultura e patrimônio cultural na Constituição da República de 1988 – a autonomia dos direitos culturais**. Revista CPC, São Paulo, n. 6, p. 21-46, maio 2008/out. 2008. Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n6/a03n6.pdf>> Acesso em 10 de Junho de 2012.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática dos lugares**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FONSECA JUNIOR, Demócrito Humberto. A lenda do olho d'água. **Mundo Criança**. Cuité: Escola "O Pequeno Doutor", publicação abril/maio, 1994.

GOMES, Maria Verônica de Azevedo. **ALTERAÇÕES ESPACIAIS E NOVAS RELAÇÕES: influências e transformações do/no espaço urbano de Cuité-PB**. Campina Grande, 2011. 53. Trabalho Acadêmico Orientado. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. UEPB/ CEDUC / DG.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29 – 70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. A memória pública: os lugares de memória. IN: **Memória, patrimônio e identidade**. Boletim 04, Abril de 2005. TV Escola. Ministério da Educação.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2012.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo : Brasiliense, 2004. p. 115.

LOPES, Leontina Pereira. **A construção do conceito de cidadania para uma cultura de Paz em adolescentes**. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.7/GT7_1_2004.pdf> Acesso em 11 de Junho de 2012.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida na América Portuguesa**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 155-220.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. IN: Projeto História, São Paulo, dez, 1993. p. 7 – 28.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. IN: BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 11ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006. P. 128 - 148.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154 – 2010

PEREIRA, Mirna Busse. **O direito à cultura como cidadania cultural (São Paulo, 1982/1992)**. IN: Projeto História, São Paulo, n.33, p. 205-227, dez. 2006. Disponível em <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/artigo_10.pdf> Acesso em 11 de Junho de 2012.

_____, José Sobrinho. **Cuité em Detalhes**. Edição Particular, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A

Pesquisa de campo: entrevista realizada com os alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos

1. Qual sua idade? _____
2. Onde você mora? () zona urbana () zona rural
3. Você trabalha? () sim () não
4. Você já visitou o Museu do Homem do Curimataú? () sim () não
5. Qual a primeira sensação que você teve ao visitar o museu?

6. Qual a importância do museu para você?

7. Quais objetos mais lhe chamaram a atenção no museu?

8. Quais atividades você acha que podem ser desenvolvidas no museu?

ANEXOS

Anexo I

A LENDA DO OLHO D'ÁGUA Versão (Demócrito Júnior)

Há muito tempo atrás, na velha Cordilheira da Borborema, na altura da Serra do Coité, existia uma nação indígena denominada SUCURUS. Viviam de coleta de frutas, plantavam e caçavam pássaros e pequenos roedores. Uma das maiores tradições era a "Festa do Caju", onde se reuniam várias tribos para a troca anual de alimentos e objetos típicos e dançavam e bebiam a "Cajuína" (bebida extraída do Caju que acreditavam dar muita força e resistência). Esta tribo situava-se abaixo de um despenhadeiro, onde jorrava de suas pedras água pura e cristalina, ladeada de enormes gameleiras e jatobás, atingindo com suas copas o cume da pedreira. Assim era a vida pacata dos felizes Sucurus.

Entre os guerreiros da tribo destacavam-se o índio TARENÊ (TARA, valente e ENÊ, beleza), por seu espírito de luta e liderança. Tudo em harmonia, até que um dia a tribo recebeu a inesperada visita de uma linda princesa, que a todos encantou. Sua pele era clara, cabelos como ouro de suas jóias, olhos azuis e brilhantes, nariz afilado, boca pequena e bem vermelha, e um vestido prateado. A moça parecia vir de uma terra distante e misteriosa. Ao deparar-se com Tarenê, cruzaram os olhares e sentiram-se atraídos pelo feitiço do amor. A princesa com a voz trémula, falou: Meu nome é INÁ, venho das terras de além-mar.

O jovem e virtuoso apaixonado, queria casar com a jovem princesa. O grande chefe Sucuru ao tomar conhecimento não deu permissão para o pretendido desejo, pois quebraria uma tradição de um longo tempo entre os Sucurus. Tarenê, ficou muito triste e aborrecido e recolheu-se para meditar sobre o seu destino. Chovia bastante, noite escura, a princesa Iná dormi quando Tarenê entrou. Não contendo as lágrimas, contemplou-a e... não podia voltar atrás, com a pedra que trazia nas mãos, matou-a. Junto ao seu corpo suas jóias e suas vestes e tomando-a no braços, sepultou-a numa caverna próximo à tribo. O guerreiro desesperado subiu uma grande pedreira e jogou-se abismo abaixo, na certeza de um dia encontrar com a amada na eternidade.

A tribo espantada consultou o feiticeiro sobre o mistério da morte da princesa e do guerreiro. Em silêncio, ele começou o ritual no sopé daquela grande pedra, perto do veio d' água onde o mortal Tarenê caiu e na pedra escreveu uma mensagem enigmática.

Rompendo o silêncio disse: "aquele que a decifrar desencantará e casará com a princesa e possuirá todo o seu reino e sua riqueza". Serão inundadas todas as terras indígenas e sobreviverá apenas os dois que viverão para sempre. Até hoje, no olho D'Água da Bica, na Serra de Cuité, continua gravada na grande pedreira esta mensagem, sob a proteção dos ferrões dos milhares de marimbondos, aos quais a natureza vem incumbindo esta árdua tarefa há séculos.